

**A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar
"corpos e mentes"**

The architecture of a childhood institution: spaces to discipline, educate and shape
"bodies and minds"

Wellington da Costa Pinheiro
Lucília da Silva Matos
Laura Maria da Silva Araújo Alves
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém-Brasil

Resumo

Este estudo intenciona analisar aspectos da arquitetura e dos espaços do Instituto Orfanológico do Outeiro. Essa instituição foi criada no Pará, no início do século XX, para abrigar meninos órfãos e desvalidos. A pesquisa está no campo da História das Instituições Educativas e é do tipo documental. As principais fontes são fotografias, notícias do jornal "A Província do Pará", mensagens governamentais e documentos da própria instituição. O recorte temporal abrange o período de 1903-1913, que demarca a criação e o encerramento do Instituto Orfanológico. Os documentos foram analisados em diálogo com teóricos que discutem a arquitetura e os espaços em instituições. O estudo apontou que a arquitetura convergia com o projeto formativo dessa instituição, cujos espaços agiam nos "corpos e mentes" dos meninos, contribuindo para a formação de um modelo de infância disciplinada, ordeira e sadia.

Palavras-chave: Arquitetura; Instituição Educativa; Infância

Abstract

This study intends to analyze aspects of the architecture and spaces of the "Instituto Orfanológico do Outeiro". This institution was created in Pará, at the beginning of the 20th century, to shelter orphaned and underprivileged boys. The research is in the Field of the History of Educational Institutions and its nature is documental. The main sources are photographs, news from the "A Província do Pará" newspaper, government messages and documents from the institution itself. The time frame covers the period between 1903-1913, which marks the creation and the closing of the Orphanological Institute. The documents were analyzed in dialog with theorists who discuss architecture and spaces in institutions. The study pointed out that the architecture converged with the formative Project of this institution, whose spaces acted in the boys' "bodies and minds", contributing to the formation of a model of disciplined, orderly and healthy childhood.

Keywords: Architecture; Educational Institution; Childhood

A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar “corpos e mentes”

Introdução

Ao ser entendida como um produto da cultura humana, a arquitetura de uma instituição tem muito a comunicar, a expressar e a revelar das atividades, ações, concepções e práticas ali vivenciadas, tendo em vista que seus espaços são permeados por discursos, saberes e valores de um dado contexto e tempo histórico.

No âmbito educativo, em cada período, os espaços destinados aos colégios, escolas, internatos, institutos, grupos escolares, no dito e no não dito, refletem muitos aspectos sobre as suas intenções formativas, por isso, não podem ser compreendidos como uma elaboração arbitrária, mas sim como uma linguagem orgânica aos valores e potencialidades de uma determinada sociedade (NOSELLA; BUFFA, 1996).

Os finais do século XIX e início do XX demarcam o momento no qual a arquitetura dos ambientes destinados para o ensino-aprendizagem são foco de uma maior preocupação no que diz respeito a sua concepção e configuração, cujos princípios se alicerçavam, principalmente, pelos preceitos higienistas (GONDRA, 2004), que prescreviam orientações para a construção das edificações, a circulação do ar, a incidência da iluminação, a escolha das carteiras, a disposição da área do recreio, entre outras, a fim de estruturar um ambiente higiênico e salubre.

Investigar a criação de uma instituição, os elementos arquitetônicos do seu prédio, os materiais que a estruturam, a sua disposição no terreno, as peculiaridades do entorno onde a edificação está localizada, os espaços de poder, como os ocupados pela direção de um estabelecimento, as normas e formas de utilização dos cômodos, o mobiliário para o seu funcionamento, contribuem para traçar um retrato de “[...] seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado para aquela sociedade (BUFFA, 2002, p. 27).

Os espaços reformados, projetados e construídos de uma instituição, portanto, são pensados para atender às necessidades formativas de certa época, desse modo, não podem ser considerados como neutros e estáticos, mas sim como construtos que incidem nos seus frequentadores, isto é, eles formam e educam (FRAGO, 2001). A sala de aula, o refeitório, o dormitório, o recreio, o lavatório, por exemplo, constituem-se como espaços que expressam

normas, possibilidades, proibições e restrições, cada qual ao seu modo e natureza, somando-se, assim, na concretização de um projeto formativo.

Nessa direção, o presente estudo, oriundo de pesquisa de tese de doutorado, propõe-se a analisar aspectos da arquitetura do Instituto Orfanológico do Outeiro, evidenciando como seus espaços atuam na formação da infância. O Orfanológico do Outeiro foi uma instituição educativa criada no Pará no início do século XX para abrigar e educar meninos órfãos e desvalidos, em regime de internato, com base em um projeto que intencionava formar um ideal de sujeito a partir de um conjunto de práticas que educava e moldava “corpos e mentes.”

O estudo se insere no âmbito da História das Instituições Educativas, a qual se debruça em investigar estabelecimentos de natureza mais ampla que apresentem “[...] outras formas sociais duradoras em que se desenrola o processo de transmissão cultural” (CASTANHO, 2005, p 46), para além daqueles direcionados à educação escolar, como é o caso do Instituto Orfanológico do Outeiro.

A pesquisa é do tipo documental e tem como fontes centrais: fotografias, notícias do jornal “A Província do Pará”, mensagens governamentais e documentos produzidos na própria instituição em questão. O recorte temporal corresponde ao período de 1903 a 1913, que demarca a criação e o encerramento do Instituto Orfanológico. As fontes foram analisadas em diálogo com teóricos que discutem a questão da arquitetura e dos espaços na esfera institucional, a exemplo de Escolano (2001), Frago (2001) e Foucault (1987).

Neste estudo, compreende-se que a análise dos aspectos arquitetônicos de uma instituição consiste em uma tarefa relevante, permitindo identificar vestígios do que era materializado e veiculado no seu cotidiano, uma vez que reflete muitos aspectos da vida e das intenções dentro desses contextos, especificamente neste artigo, um internato para meninos órfãos e desvalidos. Para tanto, o artigo estrutura-se em dois momentos: o primeiro que aborda aspectos da criação e arquitetura do Instituto Orfanológico; e o segundo que realiza uma espécie de “visita” aos seus principais espaços, destacando suas características e finalidades formativas.

A criação do Instituto Orfanológico: um espaço concebido para educar a infância

O Instituto Orfanológico do Outeiro foi criado a partir da lei n. 850, de 5 de outubro de 1903, publicada no Diário Oficial do Estado do Pará e promulgada pelo então Intendente da cidade Belém e um dos mais representativos políticos da história paraense, Antonio Lemos. Entretanto, a sua construção foi impulsionada pelo decreto n. 1320, de 14 de julho de 1904, do governador a época Augusto Montenegro, que apresentou seu estatuto e ficou encarregado da gestão do estabelecimento. Esses políticos possuíam afinidade partidária e ao longo do ciclo de vida dessa instituição educativa foram celebrados como seus “caridosos benfeitores”.

O contexto de criação do Instituto Orfanológico se dá em um período no qual o estado do Pará ainda vivia os reflexos da economia da borracha, que pela produção e exportação do látex prosperou financeiramente (SARGES, 2010), o que financiou o remodelamento de cidades, a oferta de serviços como bonde e luz elétrica, a construção de espaços de lazer, grupos escolares, faculdades e institutos, bem como a importação de produtos, muitos para serem utilizados na arquitetura de edificações privadas e públicas.

O discurso oficial enunciava que a intenção de criação do Orfanológico era dar abrigo, assistência e proteção para a infância pobre paraense em idade inferior a 12 anos, que até o momento não tinha uma instituição específica para tal público. Objetivava-se, então, acolher 100 meninos em regime de internato. Para ser admitido, os meninos deveriam obedecer aos seguintes pré-requisitos: a) Ser orphão de pae provadamente desvalido; b) Ter bôa saúde, ser vacinado e não soffrer moléstia contagiosa; e c) Ser maior de cinco annos e menor de oito” (PARÁ. ESTATUDO DO INSTITUTO ORFANOLÓGICO, 1904).

A instituição educativa em questão oferecia ensino elementar e direcionava os alunos que o concluíssem para complementar sua educação no Instituto Lauro Sodré, o qual se caracterizava como uma escola profissional que oferecia ensino e formação em ofícios, sendo de grande destaque no cenário educacional paraense à época.

O Instituto Orfanológico foi instalado no prédio desativado de uma antiga hospedaria construída para receber imigrantes na Ilha de Caratateua ou Ilha de Outeiro, como ficou mais conhecida essa localidade, que faz parte do arquipélago de Belém, situando-se a 20 km dessa capital. A edificação foi criada em meados do século XIX, como parte do processo de

colonização que passou o Pará nesse período. O seu prédio pode ser visualizado na figura 01:

Figura 1 - Hospedaria de imigrantes de Outeiro



Fonte: Álbum do Pará (1899)

Nota-se nessa fotografia publicada no Álbum do Pará de 1899, em primeiro plano, um grupo de imigrantes, no qual os homens estão de pé e as mulheres em volta de uma mesa como se estivessem realizando uma refeição, logo atrás deles se encontra o prédio que os abrigava, servindo de pano de fundo para a composição da cena, que visava à divulgação das ações do Governo do Estado, no sentido de atrair mais imigrantes para a região.

O Orfanológico ao ser instalado nesse local, para além da intenção de ocupar o prédio ocioso da desativada hospedaria de imigrantes, e assim, dar utilidade a um espaço público, também se deu por Outeiro ser considerada como uma região de características climáticas e ambientais favoráveis para educar e cuidar os meninos que ali fossem internados. Tudo isso “[...] a partir dos modernos preceitos higiênicos à época, já que os educandos estariam rodeados por uma aprazível e encantadora localidade e um lugar de salubridade reconhecida” (MATTOSO, 1907, p.212).

Vale destacar que a geografia da ilha limitava o acesso de pessoas, que somente poderiam chegar e sair transportados pela lancha que o Orfanológico possuía, atendia-se às recomendações de construção de internatos, que deveriam ser distantes de focos de infecções ou umidades, de preferência afastados das regiões mais populosas, repleta de vegetação e perto de rios (CONCEIÇÃO, 2015).

*A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar
“corpos e mentes”*

Em outra perspectiva, segregar a criança das classes menos favorecidas economicamente dos grandes centros urbanos foi uma iniciativa intensificada a partir da difusão dos discursos republicanos, que orientados por conhecimentos de cunho médico e jurídico intencionavam normatizar a vida em sociedade. Portanto, retirar meninos e meninas da convivência dos “bons” se tornava uma necessidade, haja vista que as crianças pobres eram categorizadas como criminosas em potencial (RIZZINI, 2011), logo, deveriam ser regenerados, para assim, retornarem ao convívio social enquanto cidadãos civilizados.

Para que pudesse ter condições de servir de internato foi necessária a realização de reparos e adaptações no prédio da hospedaria. As principais alterações na edificação original foram: “[...] uma ponte de desembarque, um tanque para natação, um hangar para pequenos offícios, reparos na casa da hospedaria e na da diretoria, a construção de uma casa para a cozinha e outros” (PARÁ. MENSAGEM, 1904, p. 106).

Nessa primeira fase, a instituição educativa destinou vaga apenas para 50 internos, metade de sua capacidade idealizada, pois muitas reformas precisaram ser feitas para o seu funcionamento em número total. Para esse início, o governador publicou edital convocando possíveis interessados a ingressarem no estabelecimento e expediu circulares aos intendentess municipais para que esses selecionassem e apresentassem nomes de meninos que dentro dos respectivos municípios estivessem nas condições indicadas para integrarem o instituto.

O processo de adaptação para o funcionamento do internato foi recorrentemente salientado pelo Governo como algo necessário para abrigar os meninos de maneira adequada, revelando certa preocupação, a partir do que era discursado pelo poder público, em conceber um espaço específico para o Orfanológico, aproximando-se do pensamento que acompanhou o ideário republicano de construção dos prédios de instituições educativas, não mais improvisados em qualquer espaço como, geralmente, acontecia.

Nessa nova realidade, o discurso educacional desse período defendia que a beleza e a opulência deveriam se fazer presentes, pois a suntuosidade dos prédios era valorizada, porque as construções para ensinar eram um símbolo e um instrumento de progresso e civilização (SCHUELER; RIZZINI, 2015). E para se alcançar tal intento, recomendava-se que as edificações possuíssem “[...] uma proposta arquitetônica diametralmente oposta àquela

que deveriam substituir, motivo pelo qual elas eram caracterizadas como monumentos, materializando e permitindo a divulgação dos novos signos políticos e culturais que se pretendia instaurar [...]” (FARIA FILHO, 2000, p. 61).

As reformas para a completa adaptação da antiga hospedaria dos imigrantes iniciaram em julho de 1905, o Governo tinha como estimativa de que dentro do corrente ano já estivessem concluídas, podendo ampliar a capacidade de 50 para 100 meninos e, dessa maneira, atender o que estava previsto no Estatuto do Orfanológico (PARÁ. MENSAGEM, 1905). No entanto, foi apenas no ano de 1906 que essas alterações foram concluídas, evidenciando que muitas modificações foram realizadas, em comparação com a sua estrutura arquitetônica original, principalmente, no que tange às alterações com foco nos preceitos higiênicos.

Para Conceição (2015), os prédios de instituições educativas para a infância deveriam, na intenção de disciplinar, educar e moldar “corpos e mentes”, seguir certas recomendações como ser higienicamente arejados, ser adequados para permitir a renovação de ar, ventilação, insolação e ser bem iluminados. O piso e as paredes deveriam ser de materiais de qualidade que pudessem ser pintados e encerados, os cômodos serem proporcionais ao número de ocupantes, a enfermaria distante das salas, o refeitório ficar no térreo e as latrinas em local separado do edifício

A partir das modificações à luz desses preceitos, o prédio do Orfanológico assumiu ares de imponência, expressando “[...] um aspecto deslumbrante, primando pelo asseio, ordem e elegância (INSTITUTO ORFANOLÓGICO DO OUTEIRO, 01.08.1906, p. 1), o que foi motivo de elogios quando era visitado, cumprindo a função de “convencer, educar, e dar-se a ver” (FARIA FILHO, 2000). Salienta-se que esse discurso é recorrente desde o final do século XIX, em que políticos e educadores começaram a defender a necessidade de espaços especialmente construídos para serem escolas, colégios, internatos. Esses deveriam ser “[...] Prédios grandes, arejados, bonitos, destinados a cumprir sua finalidade principal, há de ser escola, testemunham a valorização que o estado dava ao ensino e serviam, ainda, para que a população os admirasse [...]” (BUFFA; PINTO, 2002, p. 32).

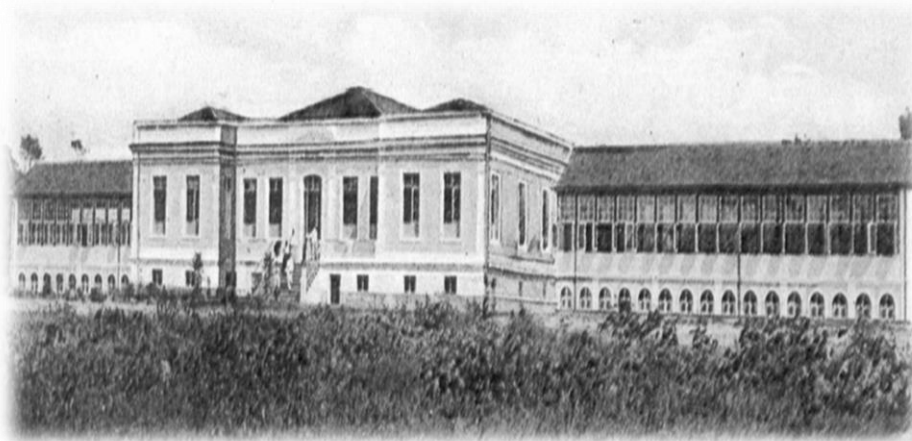
A mensagem enviada pelo governador, no ano de 1906, informa que as principais obras foram concluídas no instituto, entretanto, ainda restavam pequenos trabalhos para a melhor instalação e conforto dos 100 alunos, de cinco a doze anos que nele já recebiam

*A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar
“corpos e mentes”*

formação. O governador atentou que “[...] para atender um maior número de educandos, seria conveniente que elevásseis o seu numero a 150. Nesta hypotese, deveis aumentar o quadro do pessoal com uma nova professora” (PARÁ. MENSAGEM, 1906, p. 42).

As mudanças decorrentes do processo de reforma ficam evidentes na composição da fachada do Instituto Orfanológico do Outeiro, figura 2, que apresenta nas suas linhas arquitetônicas diferenças significativas em comparação com a estrutura da hospedaria, apresentando-se muito mais imponente e atrativo.

Figura 2 – Prédio do Instituto Orfanológico do Outeiro após a reforma em 1906



Fonte: Álbum Belém da Saudade (1998)

O Instituto Orfanológico do Outeiro foi inaugurado, oficialmente, no dia 31 de julho de 1906, recebendo elogios como um dos principais feitos do governador Augusto Montenegro. O jornal “A Província do Pará”, que tinha afinidade política como o Governo, um dia antes do estabelecimento ser inaugurado noticiou que no “[...] seu hospitaleiro tecto encontra as commodides que jamais poderia encontrar em qualquer estabelecimento de ensino [...]”. Além disso, pontuou que a instituição educativa tinha tudo para ser “[...] um estabelecimento modelo, e tendo em conta o que já por vezes temos visto quando alli fomos em visita, asseguramos ao Orfanológico um futuro promissor de utilidade para o Estado e á infância desvalida” (FESTA DE INAUGURAÇÃO DO INSTITUTO ORFANOLÓGICO, 30.07.1906, p. 1)

O jornal “A Província do Pará”, no dia 1 de agosto de 1906, noticiou em detalhes a cerimônia de inauguração do Orfanológico, listou as autoridades presentes, o roteiro de

apresentações e o cardápio especial do almoço e a disposição dos alunos, que encontravam “[...] ao longo da escadaria (...), trajando uniforme pardo e chapéu de palha branca [...]”. E que os educandos ao verem a passagem dos idealizadores da instituição, Augusto Montenegro e Antônio Lemos, tiraram “[...] os chapéus e o saldaram em vivas” (INSTITUTO ORFANOLÓGICO DO OUTEIRO, 01.08.1906, p. 1). O impresso relata, também, o passeio realizado pelos convidados aos principais cômodos do estabelecimento, o que causou boa impressão a esses, conforme noticiou o jornal.

Após três anos da inauguração oficial do instituto, em 1909, o Governo em mensagem comunicou que ainda conservava um número limitado de educandos, igual a 100, apesar da estrutura já estar apta para abrigar mais 50 meninos, mantém-se assim, pois “[...] as finanças não aconselham ainda attingir este último número, embora sobre candidatos à admissão”. Ressalta ainda que “[...] o estabelecimento mantém-se em boas condições, sendo lisonjeiras as impressões colhidas quando pessoalmente o visitei” (PARÁ. MENSAGEM, 1909, p. 29).

No ano de 1910, também em mensagem, o Governo deu retorno sobre o estado do prédio, informando que salvo pequenos reparos, determinados pela necessidade da conservação do vasto edifício que ele ocupa, “[...] não havia nenhuma outra despesa, não prevista no orçamento, foi allí feita, e a vida interna do collegio tem fluído a contento do público” (PARÁ. MENSAGEM, 1910, p. 62).

Durante a sua existência, o Instituto Orfanológico foi descrito pelos jornais, impressos educacionais e de divulgação do Governo do Pará, como uma instituição que apresentava estrutura excelente e construída com materiais do mais alto requinte e qualidade. Caracterizando-se como um estabelecimento cujas instalações de todos os espaços eram “[...] arejadas e espaçosas, nas quaes houve especial cuidado em observar os preceitos da mais rigorosa hygiene (ÁLBUM DO PARÁ, 1908, p. 283).

Os aspectos estruturais e higiênicos tão ressaltados dos espaços pertencentes ao Orfanológico dialogavam com os discursos produzidos pelos higienistas, nos finais do século XIX e início do XX, que pautavam a construção de prédios escolares, objetivando fornecer condições para que os educandos pudessem se desenvolver físico e intelectualmente.

O ciclo de vida do Instituto do Outeiro foi relativamente curto, finda no ano de 1913, quando o prédio que o abrigava é destinado para que funcione uma estação experimental

*A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar
“corpos e mentes”*

para estudos e pesquisas no campo dos conhecimentos agrícolas, cuja determinação se deu pelo decreto de Lei nº 1.360 de 11 de novembro de 1913, publicado no Diário Oficial do Estado do Pará.

O encerramento das atividades dessa instituição educativa tem relação com a mudança de ótica para a educação no Pará, pois por conta do declínio da economia da borracha, o Governo passa a investir no ensino agrícola. Diferentemente de sua pomposa inauguração, o seu término praticamente passou despercebido pela sociedade paraense. Os meninos que até aquele ano estavam matriculados foram remanejados para o Instituto Lauro Sodré, estabelecimento que fornecia ensino e formação profissional, mesmo sem terem atingido a idade de 12 anos e terminado o ensino elementar.

Os espaços do Orfanológico: lugares para disciplinar, educar e moldar meninos

O conjunto das instalações que compunha o Orfanológico funcionava na intenção de agir na formação dos educandos para moldar “corpos e mentes”, conforme aponta os documentos da própria instituição educativa. O prédio do instituto apresentava, no corpo central, um salão amplo onde se realizavam muitas cerimônias e sessões solenes. Todos os compartimentos de dentro do estabelecimento eram assoalhados de Acapú e Pau Amarelo e forrados de marapahuna com rodapé de Acapú, madeiras nobres da região amazônica. As paredes de dentro eram todas de alvenaria e tijolos (INSTITUTO ORFANOLÓGICO DO OUTEIRO, 13.08.1908, p. 1).

No entorno do salão central, localizava-se o gabinete do diretor, o almoxarifado, o lavatório, a rouparia, uma das salas de aula, a secretaria, a farmácia e o parlatório. Esse último compartimento, muito comum em estabelecimentos conventuais e carcerários, servia para receber os visitantes para conversar, fazendo a ligação entre o meio interno e externo dessa instituição. Nos corpos laterais, encontrava-se, do lado direito, um dos dormitórios, o banheiro e as salas de aula 1 e 2; e do esquerdo, um outro dormitório, os aposentos do diretor e a enfermaria. Na parte posterior do prédio, separados por um corredor, localizava-se o refeitório, a copa, a cozinha e a dispensa.

Na configuração arquitetônica do Instituto Orfanológico havia o predomínio de traços retilíneos e de figuras geométricas como retângulos e quadrados, em oposição ao curvilíneo ou redondo e em formas em espirais ou elipses. Tais disposições “[...] favorecem a

visibilidade e, portanto, o controle e a vigilância” (FRAGO, 2001, p. 107). O instituto possuía uma escada na porta de entrada e uma no seu lado esquerdo, dando acesso aos aposentos do diretor. Todos os compartimentos tinham ligação entre si por meio de portas para facilitar a fiscalização (INSTITUTO ORFANOLÓGICO DO OUTEIRO, 01.08.1906, p. 1).

O gabinete do diretor ficava em local privilegiado, caracterizando-se como o espaço de poder da instituição (WERLE, 2004). Ao situar-se no grande salão central era possível se ter uma visão privilegiada da entrada e da saída das salas de aula e dos dormitórios, bem como do movimento da rouparia, lavanderia, farmácia e secretaria (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 13.09.1908, p. 1), o que permitia supervisionar a rotina dos educandos e dos empregados do Instituto Orfanológico do Outeiro.

A configuração espacial dessa instituição educativa aproximava-se do modelo “Panóptico” que é representativo em uma sociedade disciplinar, que segundo Foucault (1987, p. 88), é marcada pela “[...] vigilância permanente sobre os indivíduos por alguém que exerce sobre eles um poder – mestre-escola, chefe de oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão.” Outra questão relevante, é o fato dos aposentos do diretor se localizar dentro do prédio da instituição, revelando que a vigilância e o controle eram constantes. A partir disso,

Toda uma problemática se desenvolve então: a de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado — para tornar visíveis os que nela se encontram; mas geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los (FOUCAULT, 1987, p. 197).

O entendimento dos aspetos arquitetônicos de um estabelecimento como uma espécie de estratégia para fiscalizar a movimentação de todos os espaços evidencia que esse é por si mesmo “[...] um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância” (ESCOLANO, 2001, p. 26). Já nas palavras de Foucault (1987), a arquitetura é “[...] como um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los” (FOUCAULT, 1987, p.144).

*A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar
“corpos e mentes”*

Os dormitórios do internato, batizados com o nome dos políticos considerados os idealizadores da instituição, Antônio Lemos e Augusto Montenegro, localizavam-se nos corpos laterais do estabelecimento. Os dormitórios nas instituições de acolhimento às crianças, conforme os médicos higienistas, necessitavam de preocupação, pois o repouso e o sono eram tidos como de fundamental importância para o crescimento forte e saudável na infância. Dispostos em grandes salões coletivos, com divisões para as diferentes idades, bem arejados e iluminados, os leitos deveriam ser de ferro e sem cortinas para evitar o ar abafado. Essas consistiam em algumas das indicações mais recorrentes pelos médicos (CONCEIÇÃO, 2015).

Figura 3 - Um dos dormitórios do Instituto Orfanológico



Fonte: Álbum do Pará (1908)

Nessa imagem, verifica-se que há certa padronização do espaço, com as camas seguindo um mesmo modelo e disposição alinhada em fileiras, uma do lado das outras, o que contribui para observar os educandos de um modo geral, na intenção de facilitar a visualização das atitudes no momento de dormir e de acordar dos meninos. Os compartimentos de um estabelecimento, disciplinadamente, organizados

[...] criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois projetam-se sobre essa organização, caracterizações, estimativas, hierarquias(FOUCAULT, 1987, p. 174).

No Instituto Orfanológico, os dormitórios podem ser considerados como um dos principais espaços de controle e disciplinamento dos alunos, cabendo aos inspetores à tarefa de vigiar comportamentos que fugissem as regras estipuladas pelo estabelecimento, para o considerado bom andamento das ações nesse recinto, como ilustra a portaria n ° 32, de 18 abril de 1912, que orientava os inspetores e o enfermeiro sobre o funcionamento dos dormitórios, evidenciando que os educandos tinham momentos específicos para fazerem algum pedido, falar ou se locomover que era até as venezianas serem fechadas; depois disso somente poderiam se expressar toque do amanhecer, o que revela o controle e a vigilância dos corpos dos meninos, punindo-os quando desacatassem as regras.

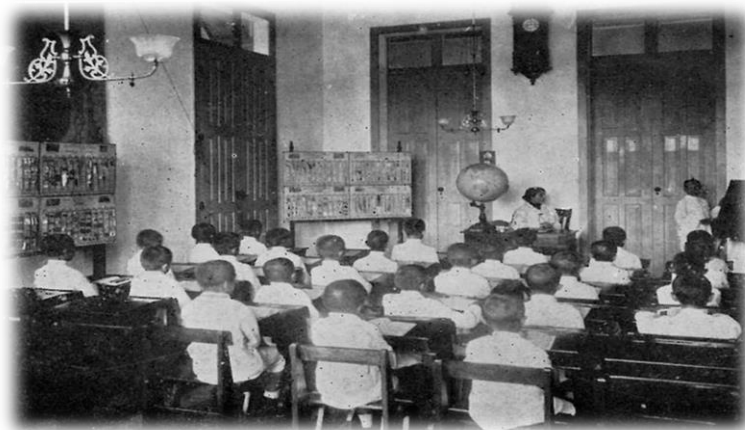
Com o intuito de evitar as fugas aos padrões, buscava-se sempre fiscalizar para que esse tipo de atitude não viesse a se repetir, verificando-se, com isso, a tentativa dessa instituição educativa de moldar “corpos dóceis”, a partir de um conjunto de práticas que implicava em uma espécie de

[...] coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p. 133).

Para o ensino, o instituto possuía três salas de aula, denominadas de 1ª, 2ª, 3ª “escolas”, que correspondiam aos níveis do ensino elementar ministrado aos educandos, mas a partir de 1910, com a mudança na legislação do ensino primário, passa a ter a 4ª, pois se aumentou mais um nível do ensino elementar (RELATÓRIO DO INSTITUTO ORFANOLÓGICO, 1913). A figura 4 retrata uma das salas pertencentes à instituição, na qual se destaca a aparente luminosidade do espaço e as grandes portas e janelas que compunham a estrutura da sala. Verifica-se a professora sentada em frente da turma, que está disposta em fileiras, com os alunos ordenadamente sentados, determinando “[...] cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 169). Observa-se um aluno de pé como se estivesse fazendo uma lição no quadro.

*A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar
“corpos e mentes”*

Figura 4- Sala de aula do Instituto Orfanológico



Fonte: Álbum do Pará (1908)

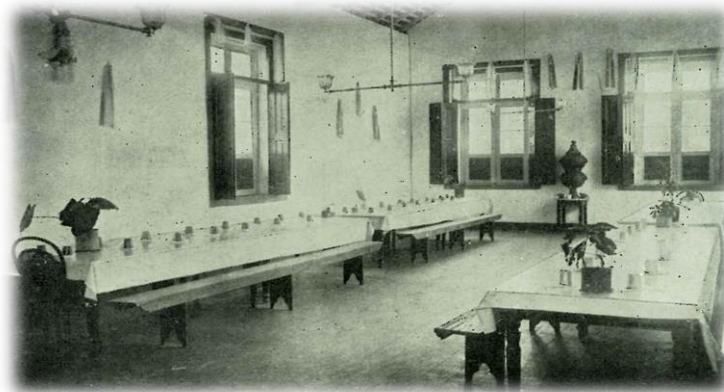
Nessa imagem visualizam-se elementos significativos do fazer pedagógico, como globo terrestre, lápis e cadernos abertos sobre as carteiras, como se estivessem preparados para a realização das atividades de escrita. Ao centro e acima da mesa da professora, nota-se a presença do relógio, que se configura como um organizador da vida da comunidade e da vida da infância, demarcando a hora de entrada e saída da escola, o tempo do recreio, bem como os demais momentos da rotina das instituições. Nessa dinâmica, “a ordem temporal se une, assim, à do espaço para regular a organização acadêmica e para pautar as coordenadas básicas das primeiras aprendizagens” (ESCOLANO, 2001, p. 44).

A composição dessa fotografia apresenta características muito comuns nesse tipo de registro, intencionando repassar traços “[...] da disciplina, da competência moralizadora e conteudística de seus professores”, tão valorizados enquanto imagem a ser mostrada e difundida nas escolas republicanas. “A aparente concentração dos discentes em si mesmo, disciplinados e ordeiros, indiciava a competência da instituição em sua pedagogia exemplificadora (BARROS, 2005, p. 122).

O refeitório que se situava na parte posterior do edifício da instituição, consistia no espaço onde os alunos faziam suas refeições, tinha no entorno a cozinha e a copa, das quais provinham as louças, utensílios, talheres e os alimentos para serem servidos, bem como a dispensa que condicionava os gêneros alimentícios. Nas extremidades, ficavam expostos bebedouros que continham água para alunos e os demais empregados do instituto. Era mobiliado por mesas e bancos longos, possibilitando que os educandos sentassem em

grupos e uns ao lado um dos outros. Observa-se a presença de espaço entre as mesas, para facilitar a circulação dos encarregados responsáveis por servir as refeições.

Figura 5 - Refeitório do Instituto Orfanológico



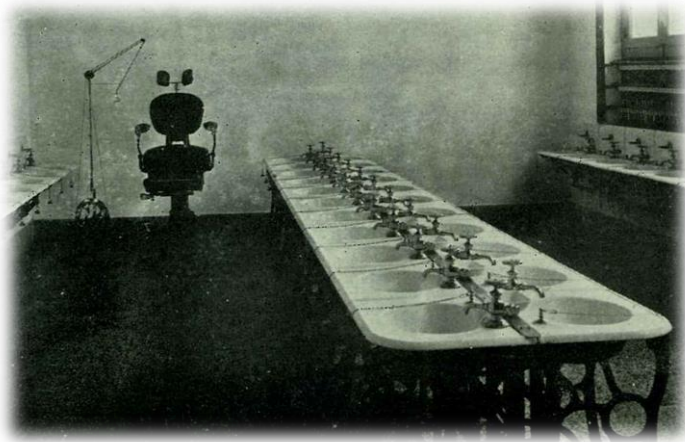
Fonte: Álbum do Pará (1908)

O espaço destinado ao refeitório era um local formativo que estava relacionado ao momento das refeições, onde os educandos precisavam estar em ordem e disciplinados. Tarefa que ficava a cargo dos inspetores. Nesse ambiente, moldavam-se os meninos “[...] a não conversar, brincar, a comer com modos, ingerir toda a porção servida, não desperdiçar os alimentos e ao término do café, almoço e jantar depositar os pratos, talheres e copos empilhados em local determinado da copa” (INSTITUTO ORFANOLÓGICO. PORTARIA N. 23. 12. 03. 1910).

Por fim, destaca-se lavatório, figura 6, que consistia em um relevante local para a limpeza e higiene dos educandos, situava-se em lugar de destaque, ao lado esquerdo do salão central. Os lavabos, compostos de bacias e torneiras que foram importados dos Estados Unidos, ficavam dispostos em fileiras nas extremidades do espaço, e em mais duas fileiras juntas ao centro. Nesse local, os meninos recebiam cuidado dentário de prevenção e tratamento por parte do cirurgião dentista, que fazia uso de modernos instrumentos para os atendimentos dentários, ao fundo e do lado esquerdo da fotografia, figura 6, composto por uma cadeira do sistema Wilkerson e um motor dentário marca Doriot. Estes aparelhos que “são de procedência norte-americana, dos afamados fabricantes S.S. White, prestam magnifico serviço e são o que há de melhor no gênero” (PARÁ. MENSAGEM, 1906, p. 72).

*A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar
“corpos e mentes”*

Figura 6 – Lavatório do Instituto Orfanológico do Outeiro



Fonte: Álbum do Pará (1908)

O lavatório tinha a sua importância na educação dos meninos, pois estava diretamente relacionado às questões de higiene, ali os meninos recebiam instruções de como proceder com a higienização da boca, mãos e rosto. Repassava-se, assim, aos meninos princípios de limpeza e cuidados a serem seguidos. E para que isso se concretizasse os funcionários deveriam estar vigilantes no sentido dos internos assimilarem e colocarem em prática o que lhes foi prescrito.

Considerações finais

A análise da arquitetura do Instituto Orfanológico do Outeiro permitiu, no que diz respeito as suas características e finalidades na formação da infância, evidenciar o quanto a concepção e construção de um prédio expressa o contexto histórico de uma dada sociedade. Notou-se, na referida instituição educativa, forte influência dos conhecimentos higienistas nos discursos dos idealizadores dessa instituição educativa, o que dialogava com o que se veiculava como elementos importantes com a pedagogia moderna à época.

Os documentos analisados ao fazerem referências aos espaços físicos em si contribuíram para mostrar que o espaço não é uma categoria inerte e neutra, mas sim algo que implica diretamente no projeto formativo materializado em uma instituição educativa, convergindo para a compreensão de que os ambientes e cômodos, por meio de suas permissões, possibilidades, proibições e restrições, agem sobre os sujeitos, isto é, educam,

formatando os meninos que ali foram institucionalizados em um modelo e padrão pretendido.

As dependências do estabelecimento e sua relação com o tempo da instituição criavam um cotidiano marcado milimetricamente pela ordem e disciplina, no qual se disciplinava, educava e moldava “corpos e mentes”, a fim de fazer dos meninos sujeitos obedientes e ordeiros às normas e regras determinadas nos espaços. Caso contrário, seriam alvo de castigos e punições se fossem notados pela vigilância dos empregados. A partir disso, os educandos eram formatados para agir e se portar conforme preceitos tidos como civilizatórios, que em muitas situações quase nada tinham a ver com a cultura local, mas que eram legitimados como o que existia de mais moderno.

Referências

BARROS, Armando Martins. Os álbuns fotográficos com motivos escolares: veredas ao olhar. In: GATTI JR, Décio; FILHO, Geraldo Inácio (Org.). **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 117-134.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas/ SP: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 25-38.

BUFFA, Ester. PINTO, Gelson. A. **Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893 – 1971**. São Carlos: EdUFSCar, INEP, 2002.

CASTANHO, Sérgio. A institucionalização escolar entre 1879 e 1930. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 1, n. 25, p. 43-56, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/219> Acesso mar. 2021

CONCEIÇÃO, Joaquin Tavares. Recomendações médico-higiênicas para o funcionamento do internato (Século XIX). **EDUCAÇÃO, [S. l.]**, v. 3, n. 2, p. 109–122, fev. 2015 . Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/1939>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ESCOLANO, Augustín. Arquitetura como programa: espaço, escola e currículo. In: FRAGO, Antônio Viñao; ESCOLANO, Augustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 20-55.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.

*A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar
“corpos e mentes”*

FESTA DE INAUGURAÇÃO DO INSTITUTO ORFANOLÓGICO. A Província do Pará, Belém, p. 1,30 jul. 1906.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Tradução de Raquel Ramallete Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGO, Antônio Viñao. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: FRAGO, Antônio Viñao; ESCOLANO, Augustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 59-139.

GONDRA, José. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial.** Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

INSTITUTO ORFANOLÓGICO DO OUTEIRO. A Província do Pará, Belém, p. 1, 1º ago. 1906.

INSTITUTO ORFANOLÓGICO DO OUTEIRO. A Província do Pará, Belém, p. 1, 13 ago. 1908.

MATTOSO, Ernesto. **O Dr. Augusto Montenegro: sua vida e seu governo.** Paris: T Dissieux, 1907.

NOSELLA, Paulo; BUFFA, Ester. **Schola Mater: A Antiga Escola Normal de São Carlos,** São Carlos: EDUFSCar/FAPESP, 1996.

PARÁ. **Álbum do Estado do Pará (1901-1909).** Oito anos de governo. Mandado organizar pelo Dr. Augusto Montenegro, governador do estado. Paris: Choponet, 1908.

PARÁ. **Álbum do Pará em 1899 na administração da Excia o Snr. Dr. José Paes de carvalho.** Parte descritiva do Dr. Henrique Santa Rosa. Photographias e composição de F. A. Findanza. Berlin, 1899.

PARÁ. Decreto nº 1320, de 14 de julho de 1904. Instituto Orfanológico do Outeiro. **Diário Oficial [do] Estado do Pará.** Poder Executivo, Belém, PA, julho de 1904, n. 3452, p. 10.

PARÁ. Estatuto do Instituto Orfanológico do Outeiro. **Diário Oficial[do]Estado do Pará.** Poder Executivo, Belém, PA, 15 de julho de 1904, n. 3243. p. 3.

PARÁ. Governo. **Belém da Saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais.** 2 ed. Belém: Secult, 1998.

PARÁ. Lei nº 850, de 5 de outubro de 1903. Autorização do governo do estado a fundar o Instituto Orphanológico do Outeiro. **Diário Oficial [do] Estado do Pará.** Poder Executivo, Belém, PA, 11 de outubro de 1903, n. 3575. p. 4.

PARÁ. Mensagem Dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Governador Augusto Montenegro, no ano de 1910. **A Educação nas mensagens governamentais**. Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial>. Acesso em: 23 maio 2020..

PARÁ. Mensagem Dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Governador Dr. José Luiz Coelho, no ano de 1909. **A Educação nas mensagens governamentais**. Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial>. Acesso em: 23 maio 2020.

PARÁ. Mensagem Dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Governador Augusto Montenegro, no ano de 1906. **A Educação nas mensagens governamentais**. Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial>. Acesso em: 23 maio 2020.

PARÁ. Mensagem Dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Governador Augusto Montenegro, no ano de 1905. **A Educação nas mensagens governamentais**. Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial>. Acesso em: 23 maio 2020.

PARÁ. Mensagem Dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Governador Augusto Montenegro, no ano de 1904. **A Educação nas mensagens governamentais**. Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial>. Acesso em: 23 maio 2020.

PARÁ. **Relatório Instituto Orfanológico**. Relatório apresentado ao Secretário do Interior, Justiça e da Instrução Pública, Belém, 1913.

PARÁ. Secretaria do Interior, da Justiça e da Instrução Pública. **Instituto Orfanológico**. Portaria nº 32, de 18 de abril de 1912.

PARÁ. Secretaria do Interior, da Justiça e da Instrução Pública. **Instituto Orfanológico**. Portaria nº 23, de 12 de março de 1910.

RIZZINI, Irene. **O Século Perdido**. Raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2011.

SARGES, Mária de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870)**. Belém: Paka – Tatu, 2010.

SHUELER, Alessandra Frota Martinez; RIZZINI, Irma. “Tradições inventadas” de uma Belle Époque no estado do Pará: expansão da escola primária para a infância paraense. In: **Educação e Instrução Pública no Pará Imperial e Republicano**. ARAÚJO, Sônia Maria da Silva; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino; ALVES, Laura Maria Araújo (Org.). Belém: EDUEPA, 2015, p. 217-244.

VAGO, Tarcísio Mauro. Uma verdadeira revolução dos costumes: educação de corpos infantis na reforma do ensino de 1906 em Minas Gerais. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes; FERNANDES, Rogério; LOPES, Alberto. **Para a compreensão histórica da infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.283-302

*A arquitetura de uma instituição para a infância: espaços para disciplinar, educar e moldar
“corpos e mentes”*

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 13-35.

Sobre os autores

Wellington da Costa Pinheiro

Doutor em Educação – linha Educação Cultura e Sociedade. Docente da Faculdade de Educação Física, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará (Brasil). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Educação Física, Esporte e Lazer – GEPEF. E-mail: welingtoncpinheiro@hotmail.com. Orcidid: <http://orcid.org/0000-0002-6717-2013>.

Lucília da Silva Matos

Doutora em Ciências Sociais. Docente da Faculdade de Educação Física, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (Brasil). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Ludicidade e Lazer – Moçarai. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Educação Física, Esporte e Lazer – GEPEF. E-mail: luciliasmato@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1403-3009>

Laura Maria da Silva Araújo Alves

Doutora em Psicologia da Educação. Docente do Programa de Pós - Graduação em Educação – PPGED, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará (Brasil). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação e Infância na Amazônia – GEPHEIA. E-mail: laura_alves@uol.com.br. Orcid id: <http://orcid.org/0000-0003-2936-605X>.

Recebido em: 06/10/2021

Aceito para publicação em: 21/01/2022